

FOUCAULT, A ARQUEOLOGIA
E AS *PALAVRAS E AS COISAS*
Cinquenta anos depois

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
REITORA Sandra Regina Goulart Almeida
VICE-REITOR Alessandro Fernandes Moreira

EDITORA UFMG
DIRETOR Flavio de Lemos Carsalade
VICE-DIRETORA Camila Figueiredo

CONSELHO EDITORIAL
Flavio de Lemos Carsalade (PRESIDENTE)
Ana Carina Utsch Terra
Angelo Tadeu Caetano
Camila Figueiredo
Carla Viana Coscarelli
Élder Antônio Sousa e Paiva
Emília Mendes Lopes
Ênio Roberto Pietra Pedroso
Henrique César Pereira Figueiredo
Kátia Cecília de Souza Figueiredo
Lívia Maria Fraga Vieira
Luciana Monteiro de Castro Silva Dutra
Luiz Alex Silva Saraiva
Marco Antônio Sousa Alves
Raquel Conceição Ferreira
Renato Assis Fernandes
Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi
Rita de Cássia Lucena Velloso
Rodrigo Patto Sá Motta
Weber Soares

IVAN DOMINGUES

FOUCAULT, A ARQUEOLOGIA
E AS *PALAVRAS E AS COISAS*
Cinquenta anos depois

2ª edição
Revista e ampliada

(EDITORAufmg)

© 2020, O autor
© 2020, Editora UFMG
2023, 2ª edição revista e ampliada

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

D671f Domingues, Ivan.
Foucault, a arqueologia e As palavras e as coisas – 50 anos depois /
Ivan Domingues. 2. ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

411 p. (Humanitas)

ISBN: 978-65-5858-096-6

1. Foucault, Michel, 1926-1984. 2. Filosofia francesa – Séc. XX.
3. Epistemologia. I. Título.

CDD: 194.9
CDU: 101(44)

Elaborada por Vilma Carvalho de Souza – Bibliotecária – CRB-6/1390

Este livro foi produzido com o apoio do CNPq, Processo CNPq 09362/2020-2 -
Modalidade PQ - CA FI.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Jerônimo Coelho
DIREITOS AUTORAIS Anne Caroline Silva
PREPARAÇÃO DE TEXTOS Nathalia Campos
REVISÃO DE TEXTOS Carlos Rattón
COORDENAÇÃO GRÁFICA Fernando Freitas
PROJETO GRÁFICO Cássio Ribeiro, a partir de Glória Campos – *Mangá*
FORMATAÇÃO E MONTAGEM DE CAPA Giovanni Barbosa
PRODUÇÃO GRÁFICA Warren Marilac

EDITORA UFMG
Av. Antônio Carlos, 6.627 – CAD II/Bloco III
Campus Pampulha – 31270-901 – Belo Horizonte/MG
Tel: + 55 31 3409-4650 – www.editoraufmg.com.br – editora@ufmg.br

Aos meus pais, Piedade e Antônio,
in memoriam.

Eu sou um experimentador e não um teórico. Eu chamo de teórico aquele que constrói um sistema geral, seja de dedução, seja de análise, e o aplica de forma uniforme a campos diferentes. Este não é meu caso. Eu sou um experimentador no sentido de que eu escrevo para modificar a mim mesmo, e não para pensar a mesma coisa que antes.

Michel Foucault, *Dits et écrits, II*

Eu gostaria que este trabalho fosse lido como um espaço aberto. Muitas questões que são aqui colocadas ainda não encontraram respostas; e muitas das lacunas referem-se ou a trabalhos anteriores ou a outros que não foram ainda concluídos, ou mesmo começados.

Michel Foucault, Prefácio a *The Order of Things*

LISTA DE ABREVIÇÕES

AS = *Archéologie du savoir*
DE I = *Dits et écrits I*
DE II = *Dits et écrits II*
HL = *História da loucura*
HS = *História da sexualidade*
NC = *Nascimento da clínica*
OD = *A ordem do discurso*
PC = *As palavras e as coisas*
VP = *Vigiar e punir*

Para a edição brasileira de *Dits et écrits*, cuja enumeração não coincide com a da edição francesa, a referência será por extenso: *Ditos & escritos II*.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
CAPÍTULO 1 FOUCAULT, A ARQUEOLOGIA E A ESCOLA EPISTEMOLÓGICA FRANCESA	25
CAPÍTULO 2 AS PALAVRAS E AS COISAS, A ARQUEOLOGIA E AS CIÊNCIAS HUMANAS	67
CAPÍTULO 3 A EPISTEME RENASCENTISTA	95
Apêndice – <i>Studia humanitatis</i>	116
CAPÍTULO 4 A EPISTEME CLÁSSICA	125
CAPÍTULO 5 A EPISTEME MODERNA	159
As ciências empíricas do homem:	
biologia, economia e filologia	182
Ciências humanas: humanidades e outras	187
Contraciências ou ciências estruturais	193

CAPÍTULO 6	
A EPISTEME MODERNA: CONTRAPONTO	209
CAPÍTULO 7	
FOUCAULT <i>PAR LUI-MÊME</i> : ESCLARECIMENTOS, EXPANSÕES E RETIFICAÇÕES – FASE ARQUEOLÓGICA	251
“Michel Foucault responde a Sartre”	253
“Resposta a uma questão”	259
“Linguística e ciências sociais”	269
CAPÍTULO 8	
FOUCAULT <i>PAR LUI-MÊME</i> : ESCLARECIMENTOS, EXPANSÕES E RATIFICAÇÕES – FASE GENEALÓGICA	287
“Conversação com Michel Foucault”	287
“Estruturalismo e pós-estruturalismo”	300
EPÍLOGO	
AS PALAVRAS E AS COISAS, CINQUENTA ANOS DEPOIS	325
ANEXO	
A EPISTEME MODERNA: CONTRAPONTO	349

PREFÁCIO

Este livro tem o propósito de compartilhar com o leitor brasileiro uma importante efeméride da filosofia mundial: os 50 anos de *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (*Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*), de Michel Foucault. A obra veio a lume no dia 8 de abril de 1966, na prestigiosa Coleção Bibliothèque des Sciences Humaines, da Editora Gallimard, então dirigida pelo eminente historiador Pierre Nora, a quem o título viu-se definitivamente associado.

Trata-se de uma celebração, portanto, e com esse intuito tive a ocasião, em 2016, de me reportar duas vezes ao ilustre filósofo: num curto artigo, uma efeméride publicada na Homepage da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), por ocasião de seu 27º encontro, realizado em outubro daquele ano;¹ em curso ministrado na UFMG, no segundo semestre, em nível de pós-graduação, quando pude deter-me mais demorada e especificamente no exame de aspectos variados da obra famosa, ao fazer-lhe o balanço crítico e a homenagem. Agora, neste livro, ao encerrar o périplo, aproveitando os resultados conseguidos, darei um passo adiante: primeiro, na esteira do artigo mencionado, ao reservar este Prefácio para, além de oferecer as necessárias informações sobre a referida obra relativas à publicação, fazer o exame de sua recepção – e, por extensão, do autor – em diferentes pontos do globo, não só no Brasil; segundo, ao proceder nos capítulos subsequentes à análise detida da obra ela mesma, enfatizando os aspectos propriamente epistêmicos, à luz das considerações diretas do próprio Foucault, nas várias vezes em que ele voltou à carga – em artigos, conferências e entrevistas –, e de sua fortuna crítica, perfazendo

exatos 50 anos. Nas duas oportunidades, ao associar-me à celebração, mais do que um exercício acadêmico, trata-se de registrar minha relação pessoal, junto com minhas impressões, tanto com respeito ao autor – cujos cursos segui no Collège de France –, quanto no tocante à obra que, de uma maneira ou de outra, está ligada à minha formação, bem como ao meu percurso intelectual.

Começando pela publicação – justamente de um *ex-normalien* da Rue d’Ulm, com a reputação de *crème de la crème* [quintessência] do sistema de ensino francês, e de um autor como Foucault, com uma carreira totalmente fora do esquadro, em grande parte vivida no exterior, na Suécia especialmente, onde foi adido cultural, e não numa universidade da província, antes de desembarcar em Paris, em torno dos 50 anos –, ela veio a lume quando Foucault já tinha seus 40 anos e era já bastante conhecido, ao menos nos meios franceses, tendo já publicado *Nascimento da clínica* (*Naissance de la clinique*, 1963) e *História da loucura* (*Histoire de la folie à l’âge classique*, 1961). Pouco tempo depois, seria a vez dos Estados Unidos, de outros países da Europa e de outros cantos do mundo, como o Japão, o Irã e o Brasil. Voltando ao ponto, o título e o subtítulo merecem mais de uma explicação, assim como suas traduções, especialmente a inglesa.

Sobre a escolha do título principal – *As palavras e as coisas* –, há mais de uma versão. A melhor e mais completa delas é a de Didier Éribon, o qual conta, respaldado em depoimento de Pierre Nora, que Foucault hesitava entre três possibilidades: 1) *La prose du monde* [A prosa do mundo], a sua preferida, mas da qual ele desiste depois de saber que Merleau-Ponty, já falecido, tinha a intenção de publicar um livro com esse título, o que de fato veio a consumir-se, quando a Gallimard publica o livro do filósofo três anos mais tarde, em 1969. Embora Foucault muito admirasse o autor, não queria “parecer muito marcado” por sua influência, então, desiste do título, mas o conserva no segundo capítulo de seu livro, em que se ocupa da episteme da Renascença; 2) *L’ordre des choses* [A ordem das coisas], que lhe parecia a segunda melhor alternativa; 3) enfim, *Les mots et les choses* [As palavras e as coisas], o título preferido de Pierre Nora, que no fim prevalece, tendo Foucault se rendido a seus argumentos, segundo Didier Éribon (1990).²

Não menos importante que o título principal, o subtítulo mereceu igual hesitação do autor, segundo Paul Rabinow, de Berkeley. Este, que privava com ele, lembra que Foucault oscilou entre duas

possibilidades: *une archéologie du structuralisme* [uma arqueologia do estruturalismo] e *une archéologie des sciences humaines* [uma arqueologia das ciências humanas], tendo prevalecido a segunda. Voltarei a esse ponto na sequência.

Por seu turno, as traduções, ligadas ao sucesso mundial da obra, invariavelmente – como a brasileira –, limitaram-se a transcrever o título francês e o subtítulo. A exceção é a edição inglesa, que saiu em 1970 justamente com um dos títulos cogitados de início por Foucault para o original francês: *The Order of Things – An Archeology of Human Sciences*. A editora foi a Tavistock, de Londres, e nela consta um precioso prefácio, que dá uma espécie de guia de leitura, para sorte do leitor britânico e americano, a mesma não sendo do leitor francês ou brasileiro, que deverá se aventurar a ler um livro sabidamente difícil sem essa ajuda. A particularidade da edição inglesa é que ela traz esse título, descolando-se do francês, devido ao fato de a Penguin ter editado, em 1968, o livro de Ernest Gellner, *Words and Things*, inicialmente publicado em Boston pela Beacon Press e com grande sucesso nos dois lados do oceano (subtítulo polêmico: *An Examination Of, and an Attack On, Linguistic Philosophy*).

Somem-se as edições portuguesa e brasileira, com a portuguesa saindo muito rápido, pela Portugal, de Lisboa, sem data, mas com prefácio do tradutor acusando o ano de 1967, portanto, três anos antes da inglesa, e a brasileira, traduzida por Salma Muchail, pela Martins Fontes, em 1981, a qual chegou à 10ª edição em 2016.

Por último, acrescento que, em 2015, Foucault entrou na célebre Coleção La Pléiade da Gallimard, a mais prestigiosa da França e sem par no mundo, uma espécie de Académie des Belles Lettres (que imortaliza a quem nela entra, ou que nela entra porque já imortal), podendo agora o leitor dos quatro cantos do mundo ler *As palavras e as coisas* em papel-bíblia com seu autor ladeado por outras glórias do pensamento e da língua francesa, como Pascal e Balzac. E, por falar em Gallimard, o leitor que porventura se interessar poderá assistir, no *site* da editora, a uma entrevista de Foucault sobre a obra concedida a Pierre Dumayet em 1966, à época do lançamento do livro.³

Passando à recepção, este não foi o livro preferido de Foucault, nem o mais influente e impactante. Em entrevista a Trombadori, ele dirá que era um livro “marginal” e uma espécie de “exercício

formal” destinado a um público especializado (“*chercheurs*”, como especificará Foucault,⁴ tópico ao qual voltarei mais à frente). O preferido, como se sabe, era *Vigiar e punir*. Os mais impactantes foram e são este último e *História da loucura*, segundo mostram *rankings* recentes, como o da Thomson Reuters’ ISI Web of Science de 2007 Webmetrics, no qual Foucault desponta como o autor mais citado em humanidades, incluindo nos países anglo-saxões, seguido por Pierre Bourdieu (2º), Derrida (3º), Giddens (5º), Goffman (6º), Habermas (7º), Weber (8º) e Freud (11º). Mais recentemente, em 2016, num *ranking* organizado por um professor da London School acerca dos livros de filosofia mais citados em ciências sociais do Google Scholar, *Vigiar e punir* aparece classificado em 7º lugar, e *História da sexualidade* (3 volumes) em 11º, ficando a *Estrutura das revoluções científicas*, de Thomas Kuhn, em 1º, e *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, em 3º. Por fim, na Argentina, num outro tipo de levantamento, mas não menos eloquente, *Vigiar e punir* aparece como a obra mais pirateada.⁵ Ora, em nenhum destes *rankings*, *As palavras e as coisas* aparecerá como campeã, mas nem por isso será menos influente; de fato, mais na filosofia, por causa da questão do sujeito e do antropologismo a que se viu definitivamente associada, e menos em ciências humanas e sociais, às quais em parte foi destinada e onde encontra hoje pouca audiência, por não estarem tais ciências hoje preocupadas com questões de método e muito menos de epistemologia.

No entanto, no que diz respeito ao impacto do autor e da obra, a julgar pelo Brasil e os Estados Unidos, pode-se dizer, sem exagero, que ela integra o conjunto das publicações de Foucault ao qual ele deve sua celebridade e identidade de filósofo francês, antes de tudo, com direito a modismos e adulações, bem como a reações outras, nem sempre amistosas.

Assim, ao concluir o segundo tópico, ao pensar a recepção mais do autor do que da obra especificamente, tem-se que a recepção do filósofo nos Estados Unidos deve ser contrastada em dois momentos diferentes, com as costas Leste e Oeste na linha de frente. Recepção difícil em Nova York, onde tudo começou, conforme relata François Dosse. Em seu livro consagrado a Deleuze e Guattari, *Deleuze e Guattari: biografia cruzada* (2007), ele fala de uma verdadeira celeuma que cercou a visita da dupla, acompanhada por Foucault, à Nova York, em 1975, quando tudo terminou muito mal. O contexto foi o simpósio consagrado à “esquizocultura”,

organizado por um certo Lotringer e realizado no anfiteatro do Teacher's College, da Universidade de Columbia, com os três franceses como convidados de honra e o objetivo de divulgar, nas terras da América, a *French Theory*. Contudo, como nota Dosse, em vez de alcançar o objetivo, na presença do auditório lotado de 2.000 assistentes, o resultado foi um verdadeiro desastre. Por um lado, com Foucault sendo acusado de agente da CIA por um dos presentes, e ele próprio revidando o ataque e ganhando o embate, ao dizer que o americano era um agente da KGB. Por outro, com Deleuze hostilizado por uma líder feminista como “falocrata ignorante, atrevendo[-se] a falar de coisas que não entende, como na conferência e no seu livro, ao falar das mulheres e do desejo”.⁶ Em contraste, na viagem de Foucault à Califórnia, tudo será diferente. O contexto foram as famosas conferências sobre a “cultura do *self*”, em Berkeley, nos anos de 1980, onde o filósofo transforma-se em verdadeiro ícone. A “conquista do Oeste”, para usar a expressão de Dosse, prossegue depois com Derrida, na Califórnia, e com Foucault, nas escolas de Letras, antes de tudo, onde se converterá em filósofo *cult*, com direito a *t-shirts*, e não estou a par de que coisas mais.

Quanto ao Brasil, consta que ele nos fez várias visitas: em 1965, 1973, 1974, 1975 e 1976, ao certo, mas há quem acrescente novas datas, como 1966, e até mesmo outras visitas que ele teria feito incógnito, longe das tietagens e celebrações. Antes de tudo, a São Paulo e à USP, como lembram Giannotti e Paulo Arantes, segundo os quais ele disse uma vez, ao se referir ao Departamento de Filosofia da USP, que este era um verdadeiro “Departamento Francês de Ultramar”. Mencione-se ainda a mitológica viagem ao Rio de Janeiro para uma série de conferências na PUC-Rio, as quais resultaram no livro publicado primeiro aqui, em língua portuguesa, em 1973, e só mais tarde em francês: *A verdade e as formas jurídicas*, que anuncia *Vigiar e punir*, publicado em 1975, e no qual, além do mais, podemos ver uma preciosa complementação de *As palavras e as coisas*, ao focalizar as ciências humanas e o direito numa perspectiva pragmático-funcional, como dispositivos do saber-poder. Quem quiser inteirar-se sobre essas visitas, poderá consultar dois dossiês da revista *Cult*, publicados em 2011 e 2014, disponíveis na *Web*.⁷

Faltou acrescentar nesses relatos e dossiês a viagem a Belo Horizonte, também em 1973, acerca da qual os estudiosos relatam várias conferências em diferentes instituições, seguidas dos *tours*

às cidades históricas. De resto, conferências em que ele tratou de temas correlatos à obra então transformada em verdadeiro ícone, *História da loucura*, bem como à menos conhecida do público culto mais amplo, *As palavras e as coisas*. Sobre esta última, lembro que ele se lhe referiu na conferência proferida na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH/UFGM), quando abordou os temas do antropologismo, do anti-humanismo, de Sade e de Nietzsche, e da morte do homem, ao repercutir os dois últimos capítulos do livro. E eu, jovem estudante, sem entender direito o que estava escutando, estava lá, no meio da multidão, impressionado com a performance da célebre vedete francesa.

Passo então, ao concluir esta efeméride, ao “meu” Foucault e às minhas impressões pessoais acerca da obra. Digo, antes de mais nada, que à época em que fiz meu doutorado na Sorbonne, Paris I, frequentei dois dos últimos cursos que Foucault ministrou no Collège de France, entre 1981 e 1983, e que resultaram em seus dois últimos livros, *Subjetividade e verdade (L'usage de plaisir, 1984)* e *A hermenêutica do sujeito (Le souci de soi, 1984)*.

Foi, a todos os títulos, uma experiência única. Uma vez por semana, lá estava eu no auditório, tendo chegado no mínimo meia hora antes para poder me sentar e ter o privilégio de assistir ao grande espetáculo, que era teatro puro, e cada aula, uma verdadeira conferência. Eu não sabia que ele estava doente. Ninguém sabia que era AIDS, doença desconhecida à época, e, de fato, o diagnóstico só foi dado algum tempo depois, *post-mortem*. Polêmico e desabusado, o lado vedete e narcisista de Foucault, como se sabe, era detestado por Lévi-Strauss, que se lhe referia com todas as reservas e a maior das más vontades deste mundo, como uma vez, ao repetir seu fraseado, perguntando: “*M'a tu vus à la télé?*” [Você me viu na TV?].

De minha parte, considero que Foucault foi grande, mesmo que narcisista, e o maior filósofo francês depois de Sartre. Lamentavelmente, morreu muito cedo, aos 58 anos. Meu embate com ele começou em minha tese de doutorado. Ainda que o tenha citado muito pouco, ele foi minha verdadeira fonte de inspiração, e sua visão das ciências humanas eu procurava refutar, dando outra resposta para a questão epistemológica. Desde então, passei a me referir a Foucault, em meio a uma profunda admiração pela potência de seu intelecto e sua imensa capacidade de criação intelectual, contrastada com sua retórica marcante meio barroca e

seu temperamento sofisticado empedernido, como um “camaleão” filosófico: vem a ser um autor que transmuta o tempo todo e que é de domínio e captação difícil, que desliza muito e é chegado a afirmações contundentes, tudo de caso pensado, feitas para chocar e confundir, como ao dizer n’*A arqueologia do saber*, “eu nunca fui estruturalista e nem usei a palavra estrutura”.⁸ Afirmações que foram logo desmentidas por estudiosos como Edgardo Castro, em seu dicionário *Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores* (2004), que contou as ocorrências de “estrutura” em *As palavras e as coisas* e mostrou que foram precisamente 79. Por isso, todo cuidado é pouco.⁹

Este é, portanto, o “meu” Foucault, o Foucault epistêmico da fase arqueológica e, antes de tudo, de *As palavras e as coisas*. A ele tinha dedicado todo um estudo em minha tese de doutorado – que resultou no livro *O grau zero do conhecimento: o problema da fundamentação das ciências humanas* (1991) –, a qual, no entanto, não era uma resposta direta àquela obra, mas que tinha nela inspiração. O embate, indireto todavia, prosseguiu, anos mais tarde, em dois outros livros: *Epistemologia das ciências humanas – Weber e Durkheim* (2004), que pode ser visto como resposta epistemológica à arqueologia da pré-história da sociologia de Foucault, a qual não trata nem de um nem de outro, e ao passo que o francês e o alemão são, de longe, os nomes maiores daquele ramo das ciências sociais; *Lévi-Strauss e as Américas – análise estrutural dos mitos* (2012), igualmente uma resposta indireta a *As palavras e as coisas*, que reconhece a cientificidade da etnologia estrutural do grande antropólogo e relega a análise dos mitos – ainda que sem se referir a Lévi-Strauss que, naqueles anos, já tinha iniciado a publicação de sua tetralogia – à condição nada honrosa de pseudociência. Assim, de estudo direto só havia mesmo um capítulo, justamente devotado às implicações epistemológicas de *As palavras e as coisas*, em meu recente livro *O continente e a ilha: duas vias da filosofia contemporânea* (2009). Em contrapartida, eu nunca havia oferecido um curso inteiramente consagrado a ele, nem dirigido a *As palavras e as coisas*, nem voltado a qualquer outra obra das fases arqueológica e genealógica.

Daí, motivado pela efeméride, a ideia de oferecer, em 2016, na UFMG, um curso de pós-graduação inteiramente dedicado, digamos, ao “meu” Foucault, o Foucault “epistêmico” de *As palavras e as coisas*. Trata-se da primeira homenagem. A segunda foi

a publicação do artigo referido na homepage da ANPOF, na seção “Coluna”, e que me serve de base para este Prefácio.

Haverá ainda uma terceira: a reedição de *O continente e a ilha*, hoje esgotado, onde o leitor encontrará um capítulo revisado e ampliado tendo como objeto a obra genial, acrescida de remissões a outras obras do período subsequente, no qual as ciências humanas e sociais são retomadas e têm seu estatuto epistemológico redefinido. A citada edição foi publicada em 2017 pela Loyola.

Haverá enfim uma quarta, na esteira das anteriores e como que o arremate, ou seja, desta feita, a publicação de um novo livro, mais alentado, que ora vem a lume com o título *Foucault, a arqueologia e As palavras e as coisas, cinquenta anos depois*.

Ao comentar essas coisas, celebrando autor e obra, não posso deixar de mencionar a nota sumamente triste e a todos os títulos chocante ligada à recusa da PUC-SP de hospedar a Cátedra Michel Foucault, decisão tomada no início do ano 2015 pelo Conselho Superior da Fundação São Paulo, mantenedora da instituição. Tudo isso com direito a parecer técnico e a outros tantos embasamentos obscuros, além de inconfessáveis, resultando num verdadeiro desastre e pondo termo a um trabalho pacientemente conduzido por Salma Muchail ao longo dos anos, associado à implantação da Cátedra Unesco. Assim, toda uma coletânea de áudios do filósofo francês, já disponível no Departamento de Filosofia da PUC-SP e fonte preciosa para os estudos foucaultianos no Brasil, deverá ser devolvida caso a decisão do Conselho não seja revertida – e tudo indica que não será.

Porém, nem por isso estamos perdidos nesses tempos obscurantistas. Facilitados hoje pela internet, os estudiosos da obra de Foucault poderão consultar o site *La bibliothèque foucauldienne*, do Programa de Pesquisa da Agence Nationale de la Recherche (ANR), de responsabilidade de Philippe Artières (École des Hautes Études em Sciences Sociales) e Jean-Claude Zancarini (École Normale Supérieure de Lyon), com a proposta de investigação do *modus operandi* de Foucault, com várias vertentes ou linhas investigativas, e uma delas sobre *As palavras e as coisas*, baseada em manuscritos, fichas, colóquios, áudios etc.¹⁰ Voltando ao “meu” Foucault, o Foucault epistêmico ou epistemológico, creio que será de bom alvitre precisar um pouco mais, ao concluir este Prefácio, as diretrizes gerais seguidas ao longo dos estudos e respectivos capítulos.

Do conjunto da obra, recobrando a história natural (mais tarde, biologia), a análise da riqueza (mais tarde, economia política ou ciência econômica) e gramática (mais tarde, filologia histórica e mesmo linguística estrutural), seguidas de outras vertentes, como a sociologia, a psicologia/psicanálise, a etnologia, a teoria da literatura e a análise dos mitos, deixarei de lado umas e reterei outras: ou seja, seguindo outros parâmetros, colocarei à parte a biologia e a história natural para ficar apenas com as disciplinas que o *mainstream* (na acepção de tendência dominante, modelo vigente e, ainda, em certos contextos, tradição) reconhece como epistêmico e reserva ao campo da epistemologia das ciências humanas e sociais.

Evidentemente, por vício de ofício, epistemólogo que sou de formação, sei como ninguém que esse recorte pretendido requer justificção filosófica. Precisamente, justificção no tocante ao estatuto epistemológico das disciplinas e campos disciplinares, ou seja, ao seu estatuto científico e regime de cientificidade, ao colocar-me de corpo inteiro no campo da epistemologia, em contraste com aquilo que Foucault explicitamente pretende: fazer, não epistemologia, mas arqueologia. Justificção, também, para a decisão de separar aquilo que Foucault quer ver junto: a biologia, a história natural e as ciências humanas e sociais. Antecipando um conjunto de considerações e procedimentos cuja consistência e clareza só poderão estar completamente evidenciadas e desenvolvidas nos próximos capítulos, não posso por ora fazer outra coisa senão invocar o direito de discrepância e retomar a obra – qualquer que seja ela – segundo outros planos ou sob diferentes ângulos: Foucault tendo decidido contrapor a arqueologia à epistemologia; de minha parte, eu mesmo procurando reconduzir a arqueologia à epistemologia, ao perguntar por suas implicações epistemológicas. E ainda: não só, mas igualmente, o direito de colocar-me ao lado de outras companhias e junto com o *mainstream*, se é que ele existe – e epistemológico, no caso. De resto, um *mainstream* que tradicionalmente coloca a biologia e a história natural no campo da filosofia da biologia e na vizinhança das ciências naturais, enquanto paralelamente coloca a sociologia e a linguística no campo das ciências humanas e sociais.

Este será, como dito, o meu caso ao indagar acerca das implicações epistemológicas de *As palavras e as coisas*, restringindo o campo das análises a essas ciências e seguindo em suas análises – acrescento, ao precisar um pouco mais as coisas – e, como será

visto mais à frente, a distinção introduzida por Foucault em *A arqueologia do saber* entre dois limiares: o limiar de epistemologização, que é mais amplo e extrapola a ciência, ao colocar o foco no saber, nele incluindo a história natural e a sociologia; e o limiar de cientificização, que é mais restrito e se limita à ciência, incluindo a economia e a biologia.

Esse ponto, sem dúvida de suma relevância, será abordado no primeiro capítulo e desenvolvido nos demais.¹¹

Concluindo, é preciso partilhar com o leitor as novidades ou as modificações introduzidas nesta versão impressa que ora vem a lume, justificando se tratar de uma edição revista e ampliada, com o sabor e a aura de uma obra definitiva: é que – além das revisões habituais observadas ao longo do livro, abarcando a exigência de suprir lacunas, afastar gralhas e introduzir modificações no fraseado, ali onde havia imprecisões e inconsistências na edição *ebook* – houve a inclusão de um capítulo inédito incorporado no final da obra como Anexo. Vale dizer, um novo e copioso estudo, como complemento ao capítulo VI, em que se explora a relação do *opus magnum* de Foucault com a tese complementar de seu doutorado e a *Antropologia* de Kant, resultando numa novidade que deverá enriquecer o livro em sua nova edição. Uma novidade editorial levada a cabo mediante uma construção difícil em três camadas, com as três obras sobrepostas, e cujo grande achado exegético, ao tomar um caminho nada usual nos meios foucaultianos, foi evidenciar, com a ajuda de provas textuais da *Antropologia*, que a grande pegada de Kant neste livro mal enjambrado não era epistêmica. Senão moral, estando em jogo não uma filosofia do conhecimento ou a filosofia teórica, mas uma filosofia moral ou a filosofia prática.

NOTAS

¹ Ivan Domingues, Efeméride Celebrando 50 anos de *As palavras e as coisas*, 13 out. 2016, disponível em <<http://anpof.org/portal/index.php/en/comunidade/coluna-anpof/887-efemeride-celebrando-50-anos-de-as-palavras-e-as-coisas>>.

² Didier Éribon, *Michel Foucault, 1926-1984: uma biografia*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 159.

³ Office National de Radiodiffusion Télévision Française (ORTF), Lectures pour tous: Michel Foucault à propos du livre *Les mots et les choses* (1966), television

- program, France, 15 juin 1966, disponível em <[http://www.gallimard.fr/Media/Gallimard/Video/Michel-Foucault-a-propos-des-Mots-et-les-chose-1966/\(source\)/133263](http://www.gallimard.fr/Media/Gallimard/Video/Michel-Foucault-a-propos-des-Mots-et-les-chose-1966/(source)/133263)>.
- ⁴ Michel Foucault, Entretien avec Duccio Trombadori, em Daniel Defert e François Ewald (éd.), *Dits et écrits, II: 1976-1988*, Paris, Gallimard, 2001, p. 886. (Collection Quarto).
- ⁵ Clarín, *Ranking* de notas. Los nuevos modos del robo de libros: Una buena parte del botín va a parar a páginas de Internet, 12 ene. 2010, disponível em <https://www.clarin.com/ultimo-momento/nuevos-modos-robo-libros-buena-parte-botin-va-parar-paginas-internet_0_BJGsKwATKl.html>.
- ⁶ François Dosse, *Deleuze e Guattari – biografia cruzada*, Porto Alegre, Artmed, 2010, p. 381.
- ⁷ Revista Cult, Dossiê Foucault, n. 159, jun. 2011, disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/categoria/edicoes/159/>>; *ibidem*, n. 191, jun. 2014, disponível em <<https://www.cultloja.com.br/produto/cult-191-junho-2014/>>.
- ⁸ Ver Michel Foucault, *Ditos & escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*, em Manoel Barros da Motta (org.), tradução de Elisa Monteiro, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008, p. 312.
- ⁹ Sobre o “camaleão”, o antropólogo norte-americano Clifford Geertz, às voltas com Foucault numa resenha sobre VP, cuja tradução inglesa tinha saído em 1977, dirá que o filósofo “(...) tornou-se, nos anos seguintes, uma espécie de objeto impossível: um historiador a-histórico, um anti-humanista humanista e um contraestruturalista estruturalista” (Clifford Geertz, Stir Crazy, Review of *Discipline and Punish: The Birth of The Prison*, by Michel Foucault, *The New York Review of Books*, Jan. 26, 1978, disponível em <<http://www.nybooks.com/articles/1978/01/26/stir-crazy>>, acesso em 30 nov. 2016, tradução minha). Ainda sobre o “camaleão”, lembro que, em seu último livro, *Impressões de Michel Foucault*, numa perspectiva diferente, Roberto Machado assinala que o próprio filósofo dirá, na Introdução de *A arqueologia do saber*: “Não me perguntem quem eu sou e não me digam para permanecer o mesmo: essa é uma moral de estado civil. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever” (Foucault, *A arqueologia do saber*, p. 95 *apud* Roberto Machado, *Impressões de Michel Foucault*, São Paulo, N-1 Edições, 2017, p. 105). E conclui Roberto, um pouco adiante, referindo-se ao fato, ainda mais radical, de Foucault trocar mais de uma vez sua “pele” de pensador, reportando-se às inúmeras situações em que “às vezes diz que não é filósofo, mas historiador, ou até mesmo nem filósofo nem historiador. Depois, começando a assumir uma posição diferente, diz que, se é filósofo, não é no sentido clássico de quem se interessa pelo eterno ou pretende enunciar uma verdade universal, mas no sentido nietzschiano de se interessar pelo acontecimento, de diagnosticar o presente” (*ibidem*, p. 105). Já tive a ocasião de tratar do “camaleão” no meu livro *O continente e a ilha*, como no caso do capítulo consagrado a Foucault, e deverei voltar à relação entre o filósofo, a filosofia e a história mais à frente, ao tratar da inscrição de *As palavras e as coisas* na chamada escola epistemológica francesa. Precisamente, um conjunto heterogêneo, abarcando Koyré, Bachelard e Canguilhem, além de Foucault, com a particularidade de fazerem uns e outros, à sua maneira, epistemologia na extensão da história da ciência, redundando em alguma coisa como uma epistemologia histórica ou historicizada (Ivan Domingues,

Epistemologia, *O continente e a ilha: duas vias da filosofia contemporânea*, 2. ed., São Paulo, Loyola, 2017, p. 100-139). Como Roberto Machado, ao ressaltar a poderosa mente criativa do filósofo, gostaria de ressaltar a renovação da filosofia incorrida graças à pena e à verve de Foucault, ao buscar nas duas vertentes de sua obra, por um lado, no campo dos objetos, a companhia das não filosofias, como as artes, a literatura, a política, a reclusão, a loucura, a clínica médica, a sexualidade e os diferentes saberes, mais além das ciências, quebrando a endogenia de uma filosofia solipsista e encapsulada; e, por outro, no plano do método, e de uma maneira essencial, a companhia da história, dando azo à estratégia “de estudar problemas filosóficos por meio de análises históricas” (Machado, *Impressões de Michel Foucault*, p. 106). E desde logo, conforme Machado, “se seu trabalho [dele, Foucault] está próximo do procedimento dos historiadores, é para levantar questões filosóficas a respeito da história do conhecimento e da verdade” (*ibidem*, p. 106). Voltarei a esse ponto mais de uma vez ao longo deste livro.

¹⁰ La bibliothèqu foucaldienne, Michel Foucault au travail, 2008-2010, disponível em <<http://lbf-ehess.ens-lyon.fr>>.

¹¹ Para o perfil intelectual de Foucault, não sendo este o propósito do presente livro, recomendo a leitura da obra de Éribon a ele consagrada: *Michel Foucault* (Éribon, *Michel Foucault*). Depois de concluída a versão preliminar destes estudos, tomei conhecimento do novo livro de Machado, supracitado (Machado, *Impressões de Michel Foucault*), o qual, dentre os brasileiros, foi aquele que mais privou com o filósofo, tendo acompanhado seus cursos em Paris, no Collège de France, bem como suas atividades acadêmicas e viagens em diferentes pontos do Brasil. Em seu perfil do mestre, ao longo das páginas inspiradas do livro, o leitor encontrará, em convergência com o perfil traçado por mim, o erudito e “rato de biblioteca” (*ibidem*, p. 64); o conferencista brilhante dos cursos do Collège de France e de outras paragens, “talvez o maior orador francês contemporâneo” (*ibidem*, p. 69); o escritor com raros talentos literários e que “falava como se estivesse escrevendo” (*ibidem*, p. 69), e, ainda, o intelectual desabusado, que gostava de surpreender e ser diferente dos outros (*ibidem*, p. 71), somado ao seu estorvo com a vida intelectual francesa (*ibidem*, p. 137-138) (da qual Machado comenta que, mais de uma vez, Foucault quis ir embora, tendo-lhe revelado seu desgosto com a vida acadêmica, e só permanecendo nela imerso por pragmatismo, porque seu primeiro livro funcionou, e então ele continuou com “este tipo de trabalho”), junto com a sua condição, como Nietzsche, de “pensador solitário” e “filósofo sem aliados” (*ibidem*, p. 71).

Ao perfil acadêmico de Foucault, como eu já ressaltei em *O continente e a ilha* (Domingues, *O continente e a ilha*) e em outras publicações, deve-se acrescentar a outra face de Foucault para o esboço ficar completo: o eminente intelectual público, conforme assinala Machado, ao se referir à rara maestria com que o filósofo reuniu, numa síntese rara e brilhante, o *scholar* universitário, com suas especialidades em primeiro plano, e o militante político, numa agenda rica e variada, dentro e fora da França, cujo pensamento se revelava, além de instrumento de conhecimento, um poderoso meio de ação. Assim, o leitor descobrirá o filósofo às voltas com o movimento em defesa dos prisioneiros, a favor da revolução do Irã e do aiatolá, contra o regime franquista na Espanha, a criação do jornal de esquerda *Libération*, entre inúmeras outras frentes de atuação. Entretanto, tudo isso sem ilusões e com muita clareza acerca dos limites da ação intelectual, ao dizer que fazia descrições, não prescrições, no mesmo compasso

em que estava convencido, ao pensar a inserção do intelectual na cena pública, de que não lhe cabia ensinar ninguém o que se deve fazer ou o que quer que seja, e tendo, ele próprio, nos tempos em que participava do comitê de criação do jornal *Libération*, se “dado conta da impossibilidade de ser, ao mesmo tempo, o jornalista que desejava e o professor e pesquisador que era, por causa da dedicação exigida por trabalhos tão distintos” (Machado, *Impressões de Michel Foucault*, p. 116-117).

